

Lisete Bampi
Miriam Telichevesky
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Brasil

Resumo:

A palavra-chave é encontro, ou, talvez sua estranha intenção: a impossibilidade de expressar uma experiência que certos modos de classificação, ou uma tradição, impedem de ver o que *é*. Experiência que resiste ao acabado e inicia um processo de reconhecimento para dar lugar à expressão de seus vazios. Como criar esse percurso que se apodera de singularidades que a constituem? Deparamos-nos com a expressão de um *ser em potência*: toda vez que se tenta apreendê-lo, ele se deixa unir novamente por aquilo que não tinha nada em comum, impelindo-me à criação. Expressa a necessidade de compreender os caminhos pelos quais alcancei a revelação dos *pensamentos indizíveis* que permitiram apreender como se engendram em nossa experiência. Descolando-se do plano da educação, seus procedimentos dirigem-se ao exterior, em direção a outros planos, além do humano, passando por um plano de experiências interiores; recolhem vestígios atemporais da nossa experiência e os agrupa de tal maneira que se explicam por meios pouco confessáveis, complicando-se na expressão. Dado o desenvolvimento singular da revelação que surge com a necessidade da expressão, só mais tarde é que pude entender: o que parecia *falta* de sentido era justamente *o sentido*. É complexo descrever o que nos aconteceu. Mas foi justamente na frustração de tentar capturar o aprendizado que conseguimos de alguma forma compreendê-lo, embora não soubéssemos inicialmente traduzir essa compreensão em palavras: aí nasceram os *pensamentos indizíveis*. Tenho sempre comigo a sensação de que sua concepção está comprometida, donde surge um tal de *desconforto*, cada vez que tentamos enquadrá-los em uma explicação. Embora toda explicação exista neles e deles dependa de tal maneira que não pode ser concebida sem eles, contanto que venha depois. No instante em que surge a necessidade de dar a conhecer, esta se constitui em si mesma em um objetivo concreto. Deixo aqui palavras inspiradas em experiências mal sucedidas e encontros subseqüentes.

Palavras-chave: encontro; experiência; criação; pensamento; expressão.

La estudiante y la profesora fugitiva... un encuentro necesario

Resumen:

La palabra clave es encuentro, o, tal vez, su extraña intención: la imposibilidad de expresar una experiencia que ciertos modos de clasificación, o una tradición, impiden ver qué es en lo medular. Experiencia que resiste a lo acabado e inicia un proceso de reconocimiento para dar lugar a la expresión de sus vacíos. ¿Cómo crear ese recorrido que se apodera de singularidades que la constituyen? Nos deparamos con la expresión de un *ser en potencia*: toda vez que se intenta aprehenderlo, él se deja unir nuevamente por aquello que no tenía nada en común, impeliéndome a la creación. Expresa la necesidad de comprender los caminos por los cuales alcancé la revelación de los *pensamientos inefables* que permitieron aprehender cómo se engendran en nuestra experiencia. Despegándose del plano de la educación, sus procedimientos se dirigen a lo exterior, en dirección a otros planos más allá de lo humano, pasando por un plano

de experiencias interiores; recogen vestigios atemporales de nuestra experiencia y los agrupa de tal manera que se explican por medios poco confesables, que se complican en la expresión. Dado el desarrollo singular de la revelación que surge con la necesidad de la expresión, sólo después lo pude entender: lo que parecía falta de sentido era justamente *el sentido*. Es complejo describir lo que nos sucedió. Pero fue justamente en la frustración de intentar capturar el aprendizaje que conseguimos de alguna forma comprenderlo, a pesar de que no supiésemos inicialmente traducir esa comprensión en palabras: ahí nacieron los *pensamientos inefables*. Me acompaña siempre la sensación de que su concepción está comprometida, donde surge un cierto desasosiego, cada vez que intentamos encasillarlo en una explicación. Apesar de que toda explicación exista en ellos y de ellos dependa de tal modo que no puede ser concebida sin ellos, con tanto que venga después. En el instante que surge la necesidad de dar a conocer, ésta se constituye en sí misma en un objetivo concreto. Dejo aquí palabras, inspiradas en experiencias mal sucedidas y encuentros subsiguientes.

Palabras clave: encuentro; experiencia; creación; pensamiento; expresión.

The student and the fugitive teacher... a necessary encounter

Abstract:

Encounter is the keyword or, perhaps, its strange intention: the impossibility of expressing an experience that certain classification modes, or traditions, hinder us from seeing. It is the experience that resists the accomplished and begins a recognition process which gives way to the expression of its voids. How to create the trail that seizes the singularities that constitute it? We are confronted with the expression of *a being in potency*: each time one tries to apprehend it, it allows itself to be bonded again by that something which it had nothing in common with, thrusting us into creation. It expresses the necessity of comprehending the ways by which *unspeakable thoughts* were revealed, allowing the apprehension of how they are generated in our experience. Departing from the educational plane, their procedures direct themselves to the outside, towards other planes which transcend the human, passing through planes of interior experience; they gather timeless traces of our experience and group them in a way such that they explain themselves by few respectable measures, entangling themselves in the expression. Given the singular evolution of the disclosure that comes with the necessity of expression, we could only understand later: what seemed a lack of sense was actually *the sense*. It is complex to describe what happened to us. But it was precisely in the frustration of trying to capture learning that we could actually comprehend it in some way, although we did not initially know how to translate such comprehension into words: *unspeakable thoughts* were born. I always have the feeling that their creation is threatened each time we try to frame them in an explanation. A certain discomfort emerges from such threats. Nevertheless every explanation exists within them and depends on them in a way that cannot be conceived without them, provided that it happens afterwards. The instant that the necessity to give way to knowing emerges, it constitutes itself in a concrete objective. Here we lay down words inspired in ill-succeeded experiences and subsequent encounters.

Keywords: encounter; experience; creation; thought; expression



A ESTUDANTE E A PROFESSORA FUGITIVA... UM ENCONTRO NECESSÁRIO

*E eu, eis o que eu penso do pensamento:
A INSPIRAÇÃO CERTAMENTE EXISTE.
E há um ponto fosforescente onde toda a realidade se
reencontra, porém mudada, metamorfoseada – e pelo quê?
Um ponto de mágica utilização das coisas.
E eu creio nos aerólitos mentais,
em cosmogonias individuais.
(Antonin Artaud, 1995, p.209)*

Era uma estudante... Uma estudante lendo sobre coisas que a tocavam: leituras sobre professores, crianças, estudos, currículos, planejamentos, espaços escolares... E em certa aula ela foi provocada. A atividade era criar um mapa conceitual sobre tais leituras. Aí começaram suas tentativas de produzir o mapa – embora ela ainda não pudesse sequer imaginar do que o ingênuo mapa conceitual seria capaz.

Tentou elaborar um mapa que fosse a fotografia do seu pensamento. Em poucos minutos, estava eufórica e tentava criar coisas meio absurdas, como anéis de aluno em torno de anéis de professor com um monte de palavras no meio. Tudo porque queria fazer um mapa conceitual diferente, onde cada palavra não teria necessariamente um único componente conexo, e mais, algumas palavras poderiam estar contidas em outras, as ligações deveriam atravessar algumas palavras. Chegou um ponto onde se convenceu que aquele mapa não se parecia em nada com um mapa conceitual. Estava só querendo posicionar professor e aluno... Mas a posição entre eles estava difusa e mal definida no seu pensamento, mudando o tempo todo... Não sabia expressá-la com palavras. O que podia fazer?

Exausta e meio descontente, largou aqueles pensamentos e se deixou construir um tradicional mapa conceitual. O mais próximo de suas doideiras foi que fez com que uma das ligações entre duas palavras *atravessasse* uma terceira. Casualmente, a palavra que foi *atravessada* era a palavra *pensamento*. Alguma coisa, ela não lembra o que, *atravessou* o pensamento, *rasgando-o*. De maneira análoga, o desconforto com o mapa conceitual feriu seu pensamento, deixando-

a estudante e a professora fugitiva... um encontro necessário

a meio desnorreada. E ela que achava mapas conceituais ótimos para representar pensamentos até sentir na pele a sua insuficiência.

E foi assim que a estudante começou a ter habitando em si uma certa inquietação...

*

Era uma professora... Uma professora que queria ser diferente... Ela não agüentava mais sempre a mesma coisa, sempre as mesmas queixas, os mesmos conteúdos, as mesmas obrigações, as mesmas explicações. “*Senso comum, discursos. A gente acredita neles, mas não deveria*”, pensava ela.

A professora fugitiva conseguiu o que quase ninguém consegue –, talvez por nem ao menos tentar. Ela conseguiu atingir a serenidade que lhe faltava por estar sempre preocupada com suas tarefas, com seus fardos. E então ela trocou a preocupação pela prudência. A preocupação nos desgasta, a prudência nos desperta. A professora não mais ficou preocupada com seus alunos e com o que poderia fazer com eles quando estes começavam com as mesmas queixas de sempre. Em lugar disso, agiu com prudência, procurando fazer não o mais importante – porque esse juízo de valor deixou de existir em seu vocabulário e, por conseguinte, em sua vida –, mas sim o que lhe parecia conveniente, lhe parecia necessário: provocou seus alunos. Agiu diferente.

E foi assim que a professora fugiu pela primeira vez, rumo a algo que acalmasse suas inquietações. Nessa fuga, ela não encontrou outro lugar. Apenas fugiu. E não se arrepende do que fez. Teve cúmplices, até. Cumplicidade em movimento. Pessoas que lhe deram a mão e a ajudaram a fugir. Não são foragidas junto a ela. Cada um foge de uma maneira diferente, para um lugar diferente. Mas é importante ter cúmplices. Os cúmplices nos dão força. Saber que não somos únicos ajuda a dar mais sensatez a nossos atos, mais vida a esta fuga. Ela não parece tão irreal se existem cúmplices.

— No momento em que fugi, me encontrei com a liberdade. *A fuga*: um jeito diferente de pensar. Não *no* que pensar, mas sim *como* pensar. Esta é a minha fuga.

Jacotot, o Mestre Ignorante, era seu cúmplice. Se *Jacotot* ainda vivesse, os dois seriam grandes amigos. Que bela dupla: a Professora Fugitiva e o Mestre



Ignorante! Mas mesmo que ele não estivesse presente, suas lições davam à professora as forças e as inspirações de que ela precisava. Porque o mestre agia diferente com seus alunos, e essa era a diferença que a professora buscava. O mestre rompeu com a lógica do explicador e daquele que recebia a explicação, ele rompeu com a lógica de supor primeiro as coisas desiguais para então fazer movimentos rumo à igualdade.

*

A estudante não se rendeu às suas inquietações. O desconforto sentido ao tentar fazer aquele mapa deveria ter algum motivo. E começou a pensar sobre o próprio pensamento...

— O mapa conceitual é problemático porque ele não reflete a maneira como penso. Penso com movimento, um movimento que não pode ser representado no plano do papel. O movimento do meu pensamento está num espaço abstrato, n'algum lugar sem geometria [euclideana], sem setas de ida ou de volta, meio desordenado como um conjunto não-enumerável de conjuntos não-enumeráveis. O mapa conceitual traz descaradamente disfarçada uma linearidade no pensamento. Meu pensamento não é assim, linear, estanque, pontual... não dá pra mapear.

O mapa conceitual é ferramenta poderosa para estabelecer relações entre conceitos e ideias-chave em diversos assuntos, ajuda justamente a interligar palavras que poderiam a princípio não se mostrar interligadas ou que de repente estavam guardadas separadamente dentro de nossa grande caixa de conhecimentos. Mas, o que queria mesmo a professora com aquele mapa? Nada mais do que isto: aquelas palavras enigmáticas deveriam ser remetidas a algo conhecido.

*

A estudante estava a pensar sobre os pensamentos que ela passou a chamar de “indizíveis”. A professora fugitiva, com a sensação de ânimo recobrado, prosseguia, sem a esperança de que as suas aulas modificassem qualquer coisa. “Não muda nada”, pensava ela... Porque no fundo ela não estava querendo modificar coisa alguma. Ela só queria desabrochar de um modo ou de outro...

E foi aí que as duas compartilharam, por um breve momento, um certo incômodo interior. O incômodo da estudante estava prestes a metamorfosear-se em desânimo. Era aquele incômodo que estava tão desagradável a ponto de deixá-la cansada e quase fazê-la desistir, era como um desgaste, um sufoco. Já o incômodo-necessário da professora fugitiva explodiu em palavras:

— É desconfortável, não?

A estudante sorriu calada e apenas fez que *Sim* com os olhos. A professora reconheceu então aquele olhar... Sim, foi exatamente daquele desconforto que ela fugiu: o desconforto de saber, simplesmente saber que há algo estranho, algo insuficiente, saber inclusive que se sabe muito mais do que aquilo que é possível verbalizar, do que se sabe dizer. Um desconforto inexplicável, mas ao mesmo tempo insistente... promissor... Então, ela continuou, em tom de confiança:

— ... mas foi num desconforto assim que fugi...

Mais uma vez a estudante nada falou, apenas olhou nos olhos da professora fugitiva, como quem pede desesperadamente uma explicação, porque esta vem sendo há muito tempo procurada...

— Fugi desta coisa toda de ter que explicar, sabe? Existem coisas que a gente não tem como explicar, nem para nós mesmos. Às vezes eu caía na dor de ter que me explicar o porquê de estar tomando um *capuccino* antes do almoço, ou por que tomava certas atitudes com meus alunos em sala de aula, quando eles faziam bagunça ou então quando tinham uma reclamação a fazer. É muita cobrança que fazemos. Tem certas coisas, sensações, anseios, impressões, dúvidas, *pensamentos* –, e a professora parecia ter grifado este item na sua fala –, que são inexplicáveis!

*

A estudante então sorriu. Era exatamente o que ela andava pensando. Então aquele incômodo foi substituído por uma sensação de cumplicidade...

— Sei que não consegui fazer aquele mapa por um motivo que eu sei qual é, mas sou incapaz de explicar. Meu pensamento parece ter ideias que não se traduzem em palavras. Aí não consigo fazer o mapa. Por esse mesmo motivo,



não consigo explicar por que não consigo fazer o mapa, e também pelo mesmo motivo não consigo explicar o motivo pelo qual não consigo fazer o mapa...

*

A professora, inspirada naquele encontro, tinha um objetivo. Queria proporcionar aos estudantes *A fuga*. Mas eles não queriam fugir. Fugir é incerto, e eles tinham certezas. Tinham certeza que estavam na escola para aprender o ABC e também a tabuada, um pouco de história geral e a geografia do mundo todo. Eles sabiam que ao passar pela escola teriam que estudar para passar de ano e também sabiam que depois de muitos anos de escola, estariam prontos para a vida. O que a professora propunha naqueles momentos de pura vontade de fugir ia muito além dessas coisas todas que seus alunos sabiam e que era somente o que eles sabiam. E então eles não queriam fugir.

Entretanto, sem que seus alunos fugissem, ela própria não conseguiria fugir. Era necessária uma cumplicidade, uma disposição dos meninos para fugir. E isso a cansou. Então, ela realizou outra fuga. A fuga do seu passado, de suas conquistas e de seu sonho, também seu mais pesado fardo, *ensinar*. Ela deixou que seus alunos fossem aquilo que queriam ser, e não mais aquilo que queria que eles fossem. Deixou-os descobrirem sozinhos aquilo que precisavam descobrir. Seus alunos também experimentaram, decerto, *A fuga*. A professora fugitiva, em sua fuga, se encontrou com a liberdade. E para isso ela teve que abrir mão de um pedaço de si.

*

É possível, na presença de um outro, provocar-lhe sede? É possível fazer algo, um gesto, um movimento, que lhe traga a necessidade de procurar por água? Cada um tem um porquê de sentir sede. Se quero provocar a sede n'outro, talvez seja sensato, antes, conhecer tal porquê. O mesmo na sala de aula. Cada um dos 30 meninos tem um despertar para a necessidade do pensar.

— *Não!* Não estamos falando no *interesse* em um conteúdo, mas numa inquietação que só depois de senti-la se é capaz de dizer que existe. Assim como algo nos deixa sedento, algo nos tira o sossego, nos desconforta, nos traz a necessidade que é provocadora do pensar. Pode ser um exercício de matemática, um sorriso enigmático, uma música ou sua letra, um aroma muito

conhecido ou uma variação dele, um tropeço, um mapa conceitual, uma frase numa camiseta, um medo, um olhar, um gesto, um movimento... Quem o poderá saber?

*

Depois desta grande tentativa de explicar como é aquele tipo de *pensamento* – e eu acho que só quem o tem consegue acreditar na sua existência, por sua simples e complexa presença –, vem um momento de sossego, de justo cansaço, como se até agora tivesse feito um grande esforço físico. E a imagem que tenho deste esforço é a de um parto. Já vivenciei este sentimento de alívio pós-esforço em algumas ocasiões: várias delas tentando descrever sensações ou pensamentos e várias outras tentando resolver um problema de Matemática um pouco mais elaborado. Então me pergunto: o que aquelas palavras têm de tão especial? Vivências, sensações, complexidade, sentimentos, inspiração. Não são conceitos como “hospital” ou “mesa”, que a mim permitem uma definição e algumas palavras para descrever. São conceitos que permeiam de alguma maneira diversas outras ideias, são instáveis, ora funcionam de um jeito, ora de outro: eles quase mudam toda hora de ideia. Estão sempre escapando. E são aquele tipo de conceito que não se deixa ser causa e/ou efeito de outras coisas. Eles são ariscos no pensamento... mudam demais! Isso sem mencionar o fato de que nos remetem a muitas outras palavras, de modo que, num mapa, eles seriam uma *teia* de ligações.

O fato de trabalhar com essas palavras não é de todo um problema: poderíamos tirar uma fotografia desses fugitivos e copiá-los no mapa, de modo que alguma coisa ficaria. Algo estacionado no tempo, é bem verdade, uma representação.

O maior problema está no conjunto de palavras problemáticas. Ele remete aos *pensamentos* que foram chamados de “indizíveis”. Por exemplo: quando são lançadas para mim palavras como “professor”, “aluno”, “criança”, “educação”, “sala de aula”, “planejamento”, etc., começa a passar na minha mente um turbilhão de ideias que, apesar de sentir sua presença, não se concretiza em palavras. São quase como *sentimentos*, mas não os chamo assim, porque naquele momento a única coisa que sentia era uma espécie de euforia,



um certo medo até, por ter tantas ideias ou pensamentos, sem ter, no entanto, a possibilidade de acessá-los.

Acontece que existem pensamentos, ao que tudo tem me indicado, que são impossíveis de transformar em palavras. Não sei se devo chamá-los de “pensamentos”, mas é o que para mim eles parecem ser. Talvez um dia eles se transformem de tal modo que seja possível enunciá-los com palavras.

Talvez não...

Espero que não porque estes pensamentos, quando se manifestam – em momentos que costumavam ser raros, mas depois do episódio do mapa conceitual tem se mostrado mais freqüentes –, causam grande euforia e sensação de liberdade.

E o que são esses pensamentos senão uma prova de que a liberdade existe para cada um deles? São pensamentos que existem, simplesmente, pensamentos que não se curvaram a nada, ainda não foram emoldurados por algum tipo de linguagem, justamente porque são intraduzíveis.

Mas assim sendo, como sei que eles existem? Há evidências, diria. Talvez não seja suficiente para comprovar sua existência, mas, por exemplo, quando estou estudando alguma coisa bastante abstrata em Matemática, compreendo o objeto com o qual estou trabalhando sem, no entanto, conseguir descrevê-lo. Aliás, tentar descrevê-lo seria justamente um obstáculo para sua compreensão.

É como se o pensamento pensasse aquilo que não se deixa pensar...

Esse tipo de pensamento já me *visitava* quando estudava textos sobre Educação. Utilizo a palavra *visitava*, palavra um pouco contraditória, porque é a impressão que às vezes tenho quanto a esses pensamentos: apesar de eles serem só meus, “chegam sem hora marcada”, como se me *visitassem*, me surpreendendo e trazendo novidades. Tal como uma agradável *visita*. Eram feitas discussões em aula, eu lia mais um pouco, e dali a pouco sentia uma grande explosão de sentimentos: sim, tudo fazia *muito* sentido, tinha a impressão de que tudo estava *muito* relacionado, de que todos os pensamentos estavam juntos de uma maneira tão emaranhada e maleável que pareciam formar um único pensamento simplesmente indescritível.

Algo semelhante aconteceu comigo ao escrever este texto. E a imagem que tenho dessa explosão de sentimentos é a de uma paixão. Existe um pensamento que é como uma paixão que persigo e ao mesmo tempo me persegue. É como se eu fosse movida por uma paixão primeira tal como nunca foi vivida. Uma paixão que parece presidir todos os meus amores. Uma paixão longínqua que parece estar além da nossa experiência, algo que nos ultrapassa. Uma imagem bastante rica para diversificar-se nos seres que amamos, e mesmo em apenas um ser amado; exatamente como se repete em nossos amores sucessivos e em cada um dos nossos amores tomados isoladamente. Quem sabe a imagem do filho? Ou da filha...

Essa paixão é a mesma e é outra, tanto em relação aos meus outros amores como em relação a ela própria. Há tantas paixões que seria preciso dar um nome específico a cada uma delas e, no entanto, é como se fosse um mesmo tema, uma mesma paixão, vista sob vários aspectos.

Agora compreendo também porque um dia, ao cursar a 8ª série do Ensino Fundamental, me senti tão fascinada ao ver a correspondência entre a não existência da divisão por zero com a não existência da intersecção de retas paralelas¹. Naquele momento o fascínio veio porque nascia um pensamento indizível. Um pensamento que parecia conseguir compreender tudo de uma só vez. Um pensamento que por mais que se tentasse, era impossível traduzir em qualquer linguagem. Mas era evidente, para mim, que *ele* estava lá! *Ele* está me guiando a escrever tudo isso: um pensamento a respeito deste tipo de pensamento, que parece ser ele próprio um deste tipo, o que torna a coisa auto-repetitiva, e cada vez mais difícil de descrever.

Sim, esse pensamento, uma vez concebido, é livre e inútil. Ele não é prático, não fazemos uso direto dele nas salas de aula. Mas de alguma forma ele grava a sua presença em nosso conhecimento e isto o aumenta de certa forma.

¹Isto aconteceu quando queríamos calcular a tangente de 90° . Acontece que, algebricamente, podemos calcular a tangente de qualquer ângulo dividindo seu seno por seu cosseno. No entanto, o cosseno de 90° é zero, e assim esta divisão não existe. Pode-se também calcular a tangente de um ângulo utilizando o círculo trigonométrico e uma reta tangente a ele, considerando intersecção de retas. Mas através desta abordagem, calcular a tangente de 90° é equivalente a encontrar um ponto em comum entre duas retas paralelas, o que não existe dentro da Geometria Euclidiana. Desta forma, calcular a tangente de 90° é impossível de qualquer maneira que tentemos fazê-lo.



*

Creio agora que é como se vivesse no pensamento uma inquietante estranheza que não largo e não quer me largar. E mais do que isto: é como se fosse movida por uma espécie de dor necessária, um sentimento desesperador que parece querer me levar cada vez mais e mais longe... O que tento descrever é uma sensação de angústia por ter tanta dificuldade em encontrar um equivalente para expressar sensações que parecem servir de código para o que aconteceu.

Justo quando se tinha algo a dizer... aquela mesma dificuldade... não encontrava as palavras... nem o pensamento.

Como dar vida a uma experiência que é sempre outra? Quais imagens invocar? É como se fosse a experiência do não-saber... A experiência de saber tudo quando não se sabe nada... Experiência que teria permanecido oculta em nós mesmos se não tivéssemos os encontros necessários. E esses encontros ficariam sem efeito se não conseguíssemos vencer certas crenças.

Quem a viveu? A professora? A estudante? A professora fugitiva? Não se sabe... Mas foi num daqueles encontros em que se tentava dar uma resposta a esse não-saber, um sentido para aquela inquietação que nos perseguia e ao mesmo tempo perseguíamos... Foi num tempo sem-tempo... em um tempo além do tempo... numa captura real, fugidia, mas irrefutável... Foi aí que tudo fez algum sentido.

— É como se o mundo congelasse, eu fugisse, e o mundo voltasse ao normal. Essa fuga foi também uma fuga do tempo...

Ao invocar a imagem daquela cena, momento em que foi possível dar algum sentido ao que nos aconteceu, tenho a impressão que preciso mostrar uma outra imagem que faça aquele momento ressurgir... Uma imagem com as cores que imaginamos... É como acontece nos sonhos onde as palavras se tornam imagens...

É como se tivesse que descrever o que penso ou sinto com as palavras que não tenho... para uma língua que desconheço... Aqueles pensamentos são como as palavras que nunca lemos... nem sequer ouvimos... cuja forma nunca

a estudante e a professora fugitiva... um encontro necessário

vimos, mas sentimos a sua presença... suspeitamos... seu lugar vazio dentro de nós... ou do universo... não sei...

É um *pensar* fora da linguagem exige ele próprio que se fuja da noção de que a linguagem das palavras é quem assume o papel mais importante na descrição dos pensamentos... Ou seja, uma fuga exige a outra...

*

Agora é como se estivesse sentindo o cutucar do desconhecido: um enigma. Quem seria capaz de decifrá-lo? Crianças brincando. As crianças se atrevem a usar a fantasia e a imaginação. Elas sabem que não é necessário saber que sabemos para saber. Elas são capazes de viver no abismo e pular corda nos trilhos do trem. Isto entusiasma. Alegria desconhecida... Alegria em movimento... Força ou vontade de viver. Possibilidades de se criar a partir de um potencial comum. Isto é raro.

De onde vieram essas crianças? Quem são elas?

É impossível responder a essas perguntas... Se quisermos saber mais sobre crianças brincando, é prudente tomar distância... Mas também nos aproximarmos... pouco a pouco e... quem sabe... brincar com elas.

Sinto que há algo prestes a acontecer...

Pode ser algo incerto...

É como um piscar de olhos...

Mas o que um ingênuo mapa conceitual tem a ver com tudo isso?

—É que de repente me encontro como se estivesse diante da imagem da insuficiência daquele mapa conceitual. É como se estivesse diante de uma mesma presença... Uma presença que faz coincidir, numa simultaneidade sensível, momentos incompatíveis, momentos separados por todo o curso da duração, mas que fazem com que algo faça sentido... É como se fosse uma luz rasgando as trevas cuja presença só se faz sentir pelo que não se deixa ver...

Agora me encontro como no momento em que me via diante daquele *texto-imagem* e, por um incidente ínfimo, fui introduzida em um outro mundo... Tudo o que estava lá escrito, já conhecia, é bem verdade. Mas aquele ingênuo mapa... nunca o vi... ou o esqueci... Ainda não sabia distinguir a imagem do imaginar...



— Sim, agora, entendo que aquele que está na privilegiada posição de observar alguém tentando fotografar o *aprender* e não conseguindo fazê-lo consegue de alguma forma capturá-lo. É como se só fosse possível olhar diretamente para ele passando através de uma impossibilidade de enxergá-lo.

Agora enxerguei o que só mais tarde poderia ver – quero dizer: só depois é que pude entender. O que parecia *falta* de sentido – era justamente o *sentido*.

*

Naquele momento a estudante nada falou... apenas olhou nos olhos da professora como quem diz:

“ — agora não é preciso dizer mais nada. Tudo já faz sentido absoluto, e falar pode até quebrar a magia do movimento, da vida deste conhecimento...”

É como se por algum tempo ela tivesse estado quieta... esperando... e ao sentir a presença daqueles pensamentos, tomando a forma de uma imagem, inacessível e, no entanto, manifesta na sua presença ausente, tivesse de tomar uma decisão, completamente sem esperanças. Por isso, tamanha era a sua certeza. Isso ela ainda não tinha experimentado...

— Meus pensamentos que eram “indizíveis” até hoje estão começando a ganhar palavras, já que agora... parece que não vejo mais a linguagem como aprisionadora do pensar... o que aprisionava o meu pensamento era uma necessidade de responder perguntas.

E é isso que tem acontecido em muitos espaços educativos... O mapa conceitual não deixa de ser uma pergunta sobre como a gente enxerga o conhecimento. Talvez produzir um mapa conceitual seja o mesmo que responder a uma pergunta que gera incômodo por não ter o potencial de uma questão, enquanto que as ditas “respostas” à pergunta do mapa são muito mais do que respostas, são legítimas *respostas-de-questões*. Muitas perguntas são feitas com relação à Educação, mas poucos são os problemas, as questões colocadas a respeito. As perguntas são quase sempre as mesmas, as respostas dependem apenas de uma localização espaço-temporal e também de quem as expõe. Em geral, não há grandes inovações em tais respostas.

Faça um mapa conceitual sobre o aprender e estarás colocando no papel respostas para as perguntas que a Teoria da Aprendizagem Significativa faz sobre a aprendizagem.

O Mapa Conceitual tenta representar como se estrutura o pensamento daquele que o desenha. E consegue! Mas o interesse agora não é na representação. É preciso mais do que isso...

Parece que me enxergo olhando para mim mesma, tentando fazer o mapa e não conseguindo fazê-lo, já que não tenho perguntas para responder sobre a Educação. Mas sim, tenho milhões de questões sendo produzidas a esse respeito. Era sobre isso o mapa conceitual a ser feito naquela aula.

Questões são produtoras em potencial. Questões não esperam respostas, mas sim produzem outras questões. E no nascimento de uma nova questão está a grande possibilidade de enxergar o que é concreto de outra forma. Não que não devamos mais fazer perguntas ou que somente contam as questões e os problemas. Mas que permitamos e nos permitamos o nascimento de questões.

Este protesto não se faz em nome de preceitos aristocráticos. Não se trata de dizer que poucas pessoas pensam e sabem o que significa pensar. Mas, ao contrário, há alguém, mesmo que seja apenas um com a modéstia necessária, que não chega a saber o que todo mundo sabe e que nega modestamente o que julga ser reconhecido por todo mundo. Alguém que não se deixa representar e que também não quer representar quem quer que seja. Não um particular, dotado de boa vontade e de pensamento natural, mas um singular cheio de má vontade... Só ele começa efetivamente e repete efetivamente. Ele é intempestivo, nem temporal e nem eterno.

A criança é inocente e esquece.

*

Agora é como se soubéssemos tudo... tudo o que se pode saber quando não se sabe nada... É como se fosse uma negação da aprendizagem. Esta pode ser a negação de um adulto-criança. Pode ser a negação de Ernesto. Ele que queria aprender tudo... tudo... mas as coisas que não sabia... não queria aprender...



Ernesto havia dito que o vento também era conhecimento. Que o conhecimento também era o vento, tanto aquele que se engolfava na estrada quanto o que atravessa o espírito. Quando um irmão maior perguntara como o conhecimento era representado, por qual desenho, Ernesto diz: não se pode desenhá-lo. Porque é como um vento que não para. Um vento que não se pode alcançar, que não para, um vento de palavras, de poeira, não se pode representá-lo, nem escrevê-lo, nem desenhá-lo.

*

Quando estamos falando do aprender, estamos situados fora da cena...

*

A Teoria da Aprendizagem Significativa consegue fotografar o *aprender* através de um mapa conceitual porque está na lógica das perguntas que ele faz. Por exemplo: como posicionar espaço-temporalmente o aprendizado?

Isso é o que o mapa conceitual tenta fazer. Ou melhor: o que ele faz.

O mapa conceitual é uma fotografia do aprender segundo as lentes daquela teoria. Nós não temos uma fotografia para o aprender porque não nos interessa fotografá-lo. Mas através do ato de tentar fotografá-lo, temos diante de nós um desconforto, aparentemente inexplicável.

É complexo descrever o que nos aconteceu. Mas foi justamente na frustração de tentar capturar o aprendizado que conseguimos de alguma forma compreendê-lo -, embora não soubéssemos inicialmente traduzir essa compreensão em palavras...

... aí nasceram os *pensamentos indizíveis*.

Um turbilhão deles!

*

Por fim, depois de tanto pensar e escrever sobre o pensamento, as imagens, as ideias e as palavras, descobri que minha palavra preferida agora é a palavra *palavra*. As palavras têm dado um tom muito bonito, uma cor muito apaixonante à minha vida. Porque elas são capazes de dizer muito e também porque às vezes se ausentam. Elas são humildes o suficiente para se darem conta de que às vezes existem coisas que só existem na sua ausência. Como o sol que deixa as estrelas tomarem conta do céu, como as flores que dão lugar

aos frutos, como um riso que dá lugar às lágrimas. As palavras estão incrivelmente vivas em mim e ao meu redor... falantes ou caladas, seja como for...

— Por algum tempo tive a sensação de que a palavra experiência revelaria o sentido do que nos aconteceu...

— Talvez tenha sido necessário vivê-la, por não saber como dizê-la... E por não saber como dizê-la, vivi uma outra?

*

Seja lá quais foram as sensações, imagens, impressões, percepções, visões, sentimentos... encontros que nos inspiraram para descrever esta experiência, importa que ela se relaciona também com uma certa experiência da escrita...

Os movimentos que nos conduziram a este texto têm muito a ver com a insuficiência da nossa linguagem em suas relações com o pensamento.

— Relações que nos pareciam necessárias para dar sentido à experiência.

— Insuficiência que nos serviu como um certo impulso para produzi-la.

Daí também a necessidade de encontrar outros personagens para dar força aos nossos movimentos...

— Quem veio primeiro?

— Deleuze?

— Talvez...

— Nietzsche ou Spinoza?

— Quem sabe...

— Foucault ou Proust?

— Pode ser...

— Clarice Lispector ou Marguerite Duras?

— Não se sabe...

— Blanchot ou Artaud?...

— Deixa prá depois...

— É como se eles fossem personagens que foram surgindo quando se sentia que algo em comum nos unia em uma certa relação de cumplicidade...



— Algo que de certa forma provocava a presença daqueles enigmáticos pensamentos...

— Algo que parece não ter fim... que continua... sempre que se responde *Sim* à uma provocação.

— Ah! E lá vem o êxtase...

— O movimento... a vida do conhecimento... a sensação de liberdade...

— Escrever atravessando a rua, na parada do ônibus, nos corredores do supermercado, nos cordões das calçadas, nas salas de espera, nos parques, nos elevadores, nos cafés...

— Naqueles lugares onde se perde tempo...

— Escrever porque os *pensamentos* simplesmente aparecem...

— Visitam sem avisar...

*Estou atrás do que fica atrás do pensamento.
Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo.
Gênero não me pega mais.
Além do mais, a vida é curta demais para eu ler todo
o grosso dicionário a fim de
por acaso descobrir a palavra salvadora.
Entender é sempre limitado.
As coisas não precisam mais fazer sentido.
Não quero ter a terrível limitação de quem vive
apenas do que é possível fazer sentido.
Eu não: quero é uma verdade inventada.
(Clarice Lispector, 1973, p.22)*

*Enviado em: 07/08/2012
Aprovado em: 22/12/2012*

Referências²

- ARTAUD, Antonin. O Pesa Nervos. In: **Linguagem e Vida**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995. p.209-211.
- BAMPI, Lisete; TELICHEVESKY, Miriam. Não é nossa culpa se não sabíamos que sabíamos. In: **V Colóquio Internacional De Filosofia Da Educação**, 2010, Rio de Janeiro. Devir-criança da filosofia: infância da educação. Caderno de Resumos. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. v. 1. p. 17-18.
- BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**. São Paulo: Escuta, 2007.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DELEUZE, Gilles. A imagem do pensamento. In: **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p.215-272.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DURAS, Marguerite. Chuva de verão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- FOUCAULT, Michel. Las meninas. In: **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981. p.19-31.
- LARROSA, Jorge. A libertação da liberdade. In: **Nietzsche e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p.81-126.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Campinas: Autores Associados, n.19, Jan-Abr., 2002. p.20-28.
- LARROSA, Jorge. Sobre a lição. In: **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.173-183.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1973.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão Segundo GH**. Rio de Janeiro: Rocco, 1964.
- NIETZSCHE, Friedrich. O discurso das três metamorfoses. In: **Assim falou Zaratustra**. (Trad. Mário Silva). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- PARNET, Claire. Q de questão. In: **L' ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze**. Entrevista com Gilles Deleuze. Brasil, Ministério de Educação, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997. Videocassete, VHS.
- PARNET, Claire. P de professor. In: **L' ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze**. Entrevista com Gilles Deleuze. Brasil, Ministério de Educação, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997. Videocassete, VHS.
- PROUST, Marcel. **O tempo redescoberto**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SILVA, Tomaz. Tadeu. da. Dr. Nietzsche, curricularista - com um pequena ajuda do professor Deleuze. In: CORAZZA, Sandra & SILVA, Tomaz T. da. (Orgs.). **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 35-57.
- SPINOZA, B. **Ética**. (Trad. Tomaz T. Da Silva). Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

² Como expressão do que nos aconteceu, utilizamos *ideias-imagens*, cujas referências se encontram a seguir.